



BÍBLIAS E MISSIONÁRIOS NO IMPÉRIO (1822-1889): UMA HISTÓRIA DA CHEGADA DO PROTESTANTISMO AO BRASIL DO SÉCULO XIX E SEUS DESDOBRAMENTOS¹

Bibles and missionaries in the Empire (1822-1889): a history of the arrival of Protestantism in nineteenth century Brazil and its developments

Acyr de Gerone Junior²

Resumo:

O presente artigo pretende descrever uma breve história da chegada do protestantismo de missão no Brasil, durante o período imperial (1822-1889). Para tanto, procura-se desenvolver a temática a partir da compreensão do contexto histórico, cultural e social do país naquele tempo e como se deu a estratégia de penetração dos missionários protestantes ao país que, até então, era uma isolada e fechada colônia de Portugal. Entre as principais estratégias, a propagação da Bíblia foi um significativo diferencial na ação protestante, permitindo com que a Escritura Sagrada se firmasse como um bem presente símbolo da nova expressão de fé cristã que aportava em terras tupiniquins. Ressalta-se que a chegada da fé protestante no Brasil se deu por meio das principais denominações existentes à época, ou seja, por aqui chegaram os metodistas, os congregacionais, os presbiterianos, os batistas e os episcopais. Por fim, procura-se apreender quais foram os desdobramentos causados pela presença dos protestantes no país, a partir de uma realidade social, educacional e religiosa. A opção metodológica se fundamenta em revisão de literatura. Espera-se que as reflexões aqui apresentadas contribuam com uma melhor compreensão da história e da identidade protestante brasileira.

Palavras-Chave: Protestantismo de Missão. Bíblia Sagrada. Brasil-Império.

Abstract:

This article aims to describe a brief history of the arrival of Protestantism of mission in Brazil, during the imperial period (1822-1889). For this purpose, we seek to develop the theme based on the understanding of the historical, cultural and social context of the country at that time and how the strategy of penetration of Protestant missionaries into the country occurred, which, until then, was an isolated and closed colony of Portugal. Among the main strategies, the propagation of the Bible was a significant difference in Protestant action, allowing the Holy Scripture to establish itself as a very present symbol of the new expression of Christian faith that arrived in Brazilian lands. It is noteworthy that the arrival of the Protestant faith in Brazil occurred through the main denominations existing at the time, namely, the Methodists, Congregationalists, Presbyterians, Baptists and Episcopalians. Finally, we seek to understand the developments caused by the presence of Protestants in the country, based on a social, educational and religious reality. The

¹ Enviado em: 21.09.2023. Aceito em: 23.04.2024.

² E-mail: acyrjr@gmail.com.

methodological option is based on a literature review. It is hoped that the reflections presented here will contribute to a better understanding of Brazilian Protestant history and identity.

Keywords: Protestantism of Mission. Holy Bible. Brazil-Empire.

INTRODUÇÃO

As primeiras tentativas de implantação do protestantismo no Brasil ocorreram nos séculos XVI e XVII, respectivamente. A primeira se deu em 1557, com os huguenotes, ocasião em que os franceses tentaram estabelecer uma colônia no Brasil (1555-1570). Porém, poucos meses depois, tudo foi dissipado. A segunda tentativa foi levada a cabo com a ocupação holandesa no Nordeste (1630-1654), quando a Igreja Reformada Holandesa chegou a construir igrejas, ordenar pastores e diáconos, batizar indígenas e organizar presbitérios. Contudo, após a expulsão dos holandeses, o intento ruiu. Essas duas experiências são designadas “protestantismo de invasão”.

Bem mais tarde, a chegada do protestantismo no Brasil se deu por meio da imigração, ainda no início do século XIX, conforme destaca Dreher.³ Apesar de não terem como foco a evangelização dos brasileiros, anglicanos e luteranos prepararam o terreno, tanto no aspecto legal quanto no aspecto religioso, para a futura chegada do protestantismo de missão ao país⁴. Essa experiência é reconhecida como “protestantismo de imigração”.

Diferentemente desse último grupo, o “protestantismo de missão” ou “de conversão”, como prefere Mendonça,⁵ chegou ao Brasil com a proposta deliberada de trazer e pregar a fé protestante por meio da evangelização e da implantação de igrejas, conforme destaca Gonzalez.⁶ Mendonça⁷ lembra que esse grupo surgiu como consequência do “Grande Despertamento”, um movimento religioso norte-americano ocorrido no século XIX. Esse movimento tinha por ênfase a conversão individual, a valorização do trabalho e a devoção à disciplina moral. Tais pressupostos encontrariam terreno fértil para germinar no Brasil Imperial.

As primeiras iniciativas foram dos metodistas, seguidos pelos congregacionais e pelos presbiterianos. Os batistas e os episcopais foram os últimos a chegar. Essa chegada ao Brasil não foi fácil, já que os desafios sociorreligiosos eram significativos. Contudo, as missões protestantes conseguiram superar as dificuldades existentes e inserir a fé protestante de forma definitiva no Brasil. Atrelando o período de migração com o de missão, Mendonça categoriza esse momento estratégico e diversificado do protestantismo brasileiro de “período de implantação”.

³ DREHER, Martin Norberto. Protestantes na América Meridional. In: SIEPIERSKI, Paulo Donizéti; GIL, Benedito. (Org.). *Religião no Brasil: enfoques, dinâmicas e abordagens*. São Paulo: Paulinas, 2003

⁴ MATOS, Alderi Souza de. Breve história do protestantismo no Brasil. *Vox Faifae: Revista de Teologia da Faculdade FASSEB*. Vol. 3, n. 1, 2011.

⁵ MENDONÇA, Antonio Gouvêa. O protestantismo no Brasil e suas encruzilhadas. *Revista USP*. São Paulo, N. 67, set./nov. 2005, p. 52.

⁶ GONZALEZ, Justo; ORLANDI, Carlos Cardozo. *História do movimento missionário*. São Paulo: Hagnos, 2008.

⁷ MENDONÇA, Antonio Gouvêa. *O celeste porvir: a inserção do Protestantismo no Brasil*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

Nessa perspectiva, este trabalho pretende apresentar uma breve história do cristianismo no Brasil Império, a partir da chegada das principais missões em terras tupiniquins. A opção metodológica do estudo se fundamenta em revisão de literatura. Serão utilizadas por base as produções teóricas que focalizam a história do cristianismo no Brasil, descrita tanto por uma perspectiva da história eclesiástica⁸, com um caráter de análise mais denominacional, como é o caso de José dos Reis Pereira, José Gonçalves Salvador, Duncan Reily, Júlio Andrade Ferreira, Oswaldo Kicköfel, Carlos Eduardo Brandão Calvani e Manoel da Silveira Porto Filho, quanto por uma perspectiva da história da igreja, sob um caráter historiográfico, como em Émile Léonard, Duncan Reily, Antonio Gouvêa Mendonça, Carl Joseph Hahn, Carlos Eduardo Brandão Calvani e Luiz Antônio Giraldi, entre outros.

Espera-se, com os resultados deste estudo, contribuir para o desenvolvimento de práticas significativas e relevantes pelos cristãos hodiernos, a partir do conhecimento da história da implantação da fé protestante no país; afinal, quem não considera sua própria história corre o risco de perder a memória e ignorar sua própria identidade. É justamente a partir desses pressupostos que se pretende descrever um pouco desta bela e significativa história, ainda que de forma sucinta e objetiva.

CONTEXTO BRASILEIRO E ESTRATÉGIA PROTESTANTE DE PENETRAÇÃO

A vinda dos protestantes de missão para o Brasil não foi feita de maneira desordenada. Em vez disso, foi marcada por estratégias bem específicas, para além da mera implantação de igrejas. Essas estratégias caracterizaram o período, indicando que, mesmo em ramos denominacionais distintos, advindos de contextos históricos específicos, e em períodos de ação diferentes, a forma de agir, pregar e implantar a fé protestante foi muito semelhante entre todos.

De início, a inserção das missões protestantes no Brasil foi facilitada pelo liberalismo político e religioso que rondava o país e o mundo àquela época, e que, por aqui, perdurou, pelo menos, desde a Independência até a Proclamação da República. Pode-se afirmar que pressupostos do iluminismo, do positivismo, do abolicionismo, do republicanismo, do reformismo religioso (jansenismo e regalismo)⁹ e da maçonaria contribuíram de forma significativa para que a fé protestante tivesse espaço no país. Talvez pareça contraditório que algumas dessas correntes tenham tido tal contribuição. Porém, como afirma Mendonça, tais pressupostos “tornaram-se aliados importantes da teologia protestante quando forneceram instrumental para que se pudesse

⁸ “Até cerca de 1960, a maior parte dos estudos sobre sua atuação no Brasil era realizada por clérigos e apresentava caráter hagiográfico e com finalidades eclesiásticas” (SOUSA, 2012, p.172). Nesse caso, serão analisadas as obras de Pereira (1979; 1982), Salvador (1982), Reily (1991), Ferreira (1992), Kicköfel (1995), Calvani (2005) e Porto Filho (2020).

⁹ O jansenismo constitui um conjunto de princípios defendidos por Cornélio Jansênio (1585-1638), bispo de Ypres, que, com base nos ensinamentos de Agostinho, dá ênfase na predestinação, rejeita o livre-arbítrio e sustenta que a natureza humana é incapaz do bem por si só. Para alguns, era uma espécie de calvinismo no meio católico. Hahn (2011) destaca que o jansenismo contribuiu com a ação protestante no Brasil em três níveis: necessidade de uma vida piedosa, apreço pelas Escrituras e independência de Roma. Por sua vez, o regalismo, que foi muito forte no Brasil, fundamentava-se no direito de os reis interferirem em questões religiosas que, em tese, deveriam ser decididas pelo papa. Isso ocorria principalmente por meio do sistema de padroado, quando a Igreja Católica outorgava a um governante civil alguns níveis de controle sobre uma igreja nacional, como gratidão por seu comprometimento cristão e como estímulo para futuros benefícios em favor da Igreja. Para Matos (2011, p. 7), “durante o longo reinado de Pedro II, a igreja não passou de um departamento do governo.”

ir ao encontro de novos anseios de ordem social”¹⁰. Portanto, o que importava era o progresso de uma sociedade atrasada até então.

É verdade que já havia certa liberdade para a entrada dos protestantes desde o governo de D. João VI (1808), algo não comum para um país oficialmente católico como Portugal e a sua colônia brasileira. No período do governo de D. Pedro I (1822-1831) também ocorrerem importantes avanços, como a “Constituição Brasileira de 1824”, que no artigo 5º, a despeito de conservar o catolicismo como a religião oficial do Estado, possibilitou a prática do culto não católico no país. No artigo 179º, inciso IV, afirmou-se a liberdade de expressão e de publicação de textos, reiterando, ainda, que era proibida qualquer perseguição por motivos religiosos no Brasil. A restrição que se manteve proibia a construção de templos com aparência de igreja e a realização do proselitismo entre os brasileiros. Como se constatará, em ambos os casos, os protestantes de missão não cumpriram tais exigências.

O governo de D. Pedro II (1840-1889) foi ainda mais aberto aos protestantes e relativamente pouco amigável à Igreja Católica da época. Os embates entre governo e igreja marcaram boa parte do período final do monarca. De outro modo, o projeto de imigração implementado por D. Pedro I e D. Pedro II em busca de imigrantes europeus e americanos, respectivamente, também abriu espaço para que protestantes migrassem para o país, não só para trabalhar, mas, também, para exercer a fé. Léonard¹¹ acrescenta, ainda, que era de países protestantes, supostamente mais evoluídos, que D. Pedro II esperava a maior imigração. A imigração de estrangeiros para o Brasil, um país de dimensões continentais que precisava se desenvolver, era cada vez mais necessária. Em 1859, por exemplo, o Brasil tinha cerca de 10 milhões de habitantes, e o Rio de Janeiro, capital do Império, não passava de 250 mil¹².

Por fim, deve-se considerar que a ação dos missionários se baseou em muitas estratégias de ataque ao *status quo* de caráter religioso e social que havia no país. Ela se desenvolveu por meio do surgimento de polêmicas contra o catolicismo (uma religião enfraquecida¹³ nos aspectos moral, político e religioso), por meio de ações proselitistas (evangelização do povo brasileiro), por meio da distribuição de Bíblias ou de outros materiais impressos (artigos em jornais, livros, panfletos etc.), por meio do relacionamento intencional com as principais autoridades do país (a fim de garantir a proteção e conquistar o direito de exercer a fé) e, também, por meio do incentivo à educação, como se verá mais à frente.

ANTES DE QUALQUER PROTESTANTISMO DE MISSÃO

É praticamente impossível falar da chegada do protestantismo no Brasil sem considerar a propagação das Escrituras Sagradas. Essa realidade é, na maioria das vezes, ignorada nos relatos

¹⁰ MENDONÇA, 2008, p. 307.

¹¹ LÉONARD, Émile. *O protestantismo brasileiro*. São Paulo: ASTE, 2002.

¹² CÉSAR, Elben Magalhães Lenz. *História da evangelização do Brasil: dos jesuítas aos neopentecostais*. Viçosa: Ultimato, 2000, p. 86.

¹³ Mendonça (2008) afirma que os missionários constataram um catolicismo brasileiro que, apesar de hegemônico, era sincretista, secularizado e de uma religiosidade “vazia e superficial”, bem semelhante ao que os reformadores encontraram na época da Reforma Protestante na Europa. Matos (2011, p. 3) afirma que “o catolicismo popular era culturalmente forte, mas débil nos planos espiritual e ético”. Por sua vez, a pregação dos protestantes apresentava uma religião ética e moralmente fortalecida, bem como doutrinariamente firmada na Bíblia, afirmando ser o protestantismo uma melhor alternativa, isto é, “uma religião verdadeira.”

históricos tradicionais (e exclusivistas) de muitas denominações, conforme aponta Duncan Reily.¹⁴ De fato, muito antes de qualquer missão protestante se estabelecer no Brasil, a Bíblia já era disseminada pelos agentes, colportores ou apoiadores das Sociedades Bíblicas Britânica e Americana, que viajavam para o Brasil. César reforça essa tese quando destaca que “entre a chegada dos primeiros exemplares da Bíblia (1814) e a chegada do primeiro missionário protestante, cujo ministério não foi interrompido (1855), há um espaço de 41 anos”¹⁵. Hahn segue o mesmo raciocínio, quando lembra que, por volta de 1878,

Bíblias e Novos Testamentos eram vendidos, distribuídos e doados em muitos lugares do Brasil onde os missionários ainda não haviam chegado. Centenas e milhares de pessoas receberam a Bíblia, leram-na e compreenderam o suficiente para desejar um culto tal qual escrito em suas páginas. Formaram-se pequenas congregações leigas para ler e estudar esse livro antes mesmo de que qualquer ministro ordenado chegasse.¹⁶

A Bíblia, portanto, chegou antes, e o que deve se destacar neste caso é o fato de que “a liberdade para vender e distribuir Bíblias por parte dos agentes das sociedades bíblicas estrangeiras, bem antes da chegada e estabelecimento das missões protestantes, constituiu-se num fator ponderável da estratégia protestante de penetração.”¹⁷ Com essa premissa, pode-se pressupor que as missões protestantes não teriam tanto êxito se o trabalho bíblico não tivesse entrado antes pelas cidades e pelas regiões rurais do Brasil.

De fato, desde a abertura dos portos às nações amigas (1808), as Sociedades Bíblicas enviaram Escrituras para atender anglicanos e luteranos. Mas não somente eles. Nesse período, Léonard, por exemplo, lembra de “comerciantes em viagem que colocavam caixas de Escrituras à disposição de quem as desejasse (deixando-as mesmo, algumas vezes, pura e simplesmente abertas nas alfandegas).”¹⁸ É claro, porém que, posteriormente, as Sociedades Bíblicas passaram a servir também aos missionários denominacionais que aqui chegaram e que desejavam dar a Bíblia aos brasileiros. Aliás, muitos missionários, pelo fato de não conseguirem recursos com suas juntas missionárias denominacionais estrangeiras, trabalharam como agentes oficiais das Sociedades Bíblicas no Brasil, para, assim, conseguirem o próprio sustento. Já outros, mantinham bom relacionamento, colaborando com as Sociedades Bíblicas e distribuindo Bíblias pelo país, conforme destaca Gerone Junior.¹⁹

Entre vários nomes que marcaram a trajetória da Bíblia pelo país, pode-se destacar como representantes das Sociedades Bíblicas os reverendos Justus Spaulding, J. J. Ransom e Hugh C. Tucker (metodistas), Ashbel Green Simonton e Alexander Latimer Blackford (presbiterianos), Robert Reid Kalley e João Manoel Gonçalves dos Santos (congregacionais), Richard Corfield (anglicano) e Richard Holden e William Campbell Brown (episcopais). No início, alguns deles nem se preocuparam em implantar igrejas, como os reverendos Daniel P. Kidder (metodista) e James Cooley Fletcher (presbiteriano), por exemplo. Eles cumpriram a missão distribuindo a Bíblia pelo país; afinal, conforme alguns relatos, o objetivo principal era o de compartilhar o Livro Sagrado, mostrando os benefícios que ele poderia trazer para a sociedade brasileira.

¹⁴ REILY, Duncan. *A história documental do protestantismo no Brasil*. São Paulo: ASTE, 2003.

¹⁵ CÉSAR, 2000, p. 70.

¹⁶ HAHN, Carl Joseph. *História do culto protestante no Brasil*. São Paulo: ASTE, 2011, p. 274.

¹⁷ MENDONÇA, 2008, p. 44.

¹⁸ LÉONARD, 2002, p. 48.

¹⁹ GERONE JUNIOR, Acyr. *Bíblia, Palavra de Deus na história*. Curitiba: AD Santos Editora, 2022.

Tal ênfase existia devido à própria realidade do país à época. Como bem lembra César, “a Bíblia era propriedade dos padres e de mais alguns poucos privilegiados. A censura proibia a posse e a circulação de livros religiosos sem a aprovação da autoridade eclesiástica”²⁰. Por isso, os relatos da época registram o quanto a população estava sedenta da Palavra de Deus, e os missionários aproveitaram a oportunidade, distribuindo as Escrituras nas traduções de Figueiredo (versão católica) e, posteriormente, de Almeida (versão protestante).

Um destaque à parte deve ser registrado. Em um país tão grande como o Brasil, não seria fácil realizar a distribuição de Bíblias, de forma que alcançasse todo o seu território. Por conta disso, os colportores²¹ desempenharam um trabalho que marcou a história do protestantismo no país. A colportagem era realizada por pessoas que distribuía Bíblias de casa em casa, de mão em mão, de forma bem semelhante ao que fazia um vendedor ambulante com qualquer outro produto.

Eles foram pioneiros e desbravadores, que adentraram o interior do país ou realizaram seu trabalho nos centros urbanos, enfrentando perigo e perseguição. Em certa ocasião, por exemplo, chegou a ser criada em Recife uma “Liga contra os protestantes”, acompanhada de fogueiras para as supostas “Bíblias falsas.”²² De fato, durante muito tempo, as Bíblias, consideradas falsas ou falsificadas, foram publicamente queimadas. Muitas vezes, os colportores se viam sem transporte, sem comunicação, sem recursos e sem condições adequadas, viajando com muita dificuldade, sozinhos ou acompanhados, mas distantes de seus familiares. Eles dedicaram parte significativa de sua vida à doação, troca ou venda de Bíblias nos lugares mais longínquos do Brasil.

Em pouco mais de 70 anos, entre a chegada dos primeiros protestantes e o fim do período do Império, a distribuição de Bíblias passou de algo praticamente inexistente para números antes inimagináveis. Giraldi destaca essa realidade com base no registro de atas das duas Sociedades Bíblicas que atuaram no Brasil, as quais “distribuía, juntas, cerca de um milhão de Escrituras”²³. De fato, foi uma grande contribuição, que abriu portas ao protestantismo de missão, visto que, em muitos lugares onde os missionários chegavam para pregar, já havia um grupo reunido em torno da Bíblia. Léonard reitera tal afirmativa, quando diz que “são numerosos os exemplos de conversões individuais e mesmo de formação de comunidade protestante através só da Bíblia, sem nenhuma intervenção de missionários.”²⁴

O PROTESTANTISMO DE MISSÃO - OS METODISTAS

Considerando apenas o protestantismo de missão, os metodistas foram os pioneiros no país e o segundo grupo na América Latina (os presbiterianos chegaram primeiro na Argentina). O anseio missionário dos metodistas pelo Brasil começou em 1835, quando a Igreja Metodista Episcopal Americana enviou o Rev. Fountain E. Pitts, a fim de sondar o campo missionário no Brasil, no Uruguai e na Argentina. Além de analisar o campo, Pitts pregou em algumas casas e chegou a reunir um

²⁰ CÉSAR, 2000, p. 58.

²¹ Termo de origem francesa que faz referência à bolsa de livros que o distribuidor ambulante de Bíblias pendurava no pescoço durante suas viagens.

²² GERONE JUNIOR, 2022.

²³ GIRALDI, Luiz Antonio. *A Bíblia no Brasil Império: Como um livro proibido durante o Brasil colônia tornou-se umas das obras mais lidas nos tempos do Império*. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2012, p. 128.

²⁴ LÉONARD, 2002, p. 97.

pequeno grupo metodista (uma sociedade metodista ou uma congregação), mesmo não permanecendo no país por muito tempo.

Com o parecer favorável de Pitts, os americanos enviaram ao Brasil, em 1836, o Rev. Justin Spaulding, para dar início ao trabalho metodista, inicialmente em inglês e em sua própria casa, mas, logo que foi possível, também em português e em um salão alugado. Diante do imenso campo e dos inúmeros desafios existentes, em 1838, outros metodistas chegaram para ajudar Spaulding. Entre eles, destaca-se Daniel P. Kidder, que, além de ajudar por um tempo a missão brasileira, ocupou-se de viajar pelo país, conhecendo o campo e distribuindo Bíblias como representante da Sociedade Bíblica Americana. Aliás, Spaulding e Kidder, “entendendo que os males do país se ligavam à ignorância da Palavra de Deus, se dedicaram à distribuição da Bíblia. Radicados na cidade do Rio de Janeiro, vendiam a Bíblia por meio de anúncios de jornais”²⁵. Kidder chegou a publicar o livro *Reminiscências de viagens e permanências no Brasil*, onde descreve o que encontrou em suas andanças pelo país. A obra foi publicada em inglês, nos Estados Unidos, em 1840, servindo de incentivo a missionários, que, após lerem a obra, vieram ao Brasil.

Também agente da Sociedade Bíblica Americana, Spaulding implantou e desenvolveu no Rio de Janeiro uma missão, uma Escola Dominical, um trabalho de assistência aos marinheiros e uma escola para ensinar crianças brasileiras e estrangeiras. Contudo, infelizmente, a missão foi descontinuada em 1841. A razão aparente para tal interrupção foi a escassez de recursos; porém, não se sabe ao certo o que, de fato, provocou o encerramento do trabalho. Lima e Silva comenta uma possível causa para tal. Para ele, “a incompatibilidade entre o caráter do povo brasileiro e a religiosidade protestante constitui-se um dos motivos prenotados dessas dificuldades da missão no Brasil.”²⁶ Ele acrescenta que a falta de preocupação proselitista por parte dos imigrantes instalados à época no Brasil pode também ter contribuído.

O que se sabe, todavia, é que a missão deixou raízes que se vincularam com a futura missão metodista de caráter permanente no Brasil. Salvador, quando cita James L. Kennedy, ressalta que, mesmo com o término da missão, em 1841, “ainda permaneceu um elo vivo e pessoal que a ligou com o movimento moderno do Metodismo, e este elo foi a família Walker que pertencia à Igreja de então e que passou a pertencer à atual Igreja Metodista no Brasil.”²⁷ Além disso, deve se pressupor que a semente lançada por Spaulding frutificou, por intermédio do trabalho dos missionários protestantes que poucos anos depois começaram a chegar no Brasil.

A reimplantação da missão no país ocorreu apenas a partir de 1867, quando o Rev. Junius Eastham Newman decidiu acompanhar seus compatriotas que migravam para o Brasil após o fim da Guerra Civil Americana (1861—1865). Newman foi morar no interior de São Paulo, região para onde muitos americanos migraram. Salvador (1982) afirma que Newman não recebeu o apoio oficial da Igreja Americana imediatamente, e que, por isso, teve de arcar com seus próprios custos para vir ao Brasil. Mas isso não impediu que ele tivesse pelo menos uma nomeação para o campo do Brasil na Conferência Anual de 1866. Ao chegar por aqui, suas pregações, em inglês, começaram em 1869. Contudo, apenas em 1871 ele deu início à primeira Igreja Metodista no Brasil, que surgiu para dar

²⁵ REILY, 2003, p. 86.

²⁶ LIMA E SILVA, Gercymar Wellington. Raízes históricas do metodismo brasileiro: primeira incursão missionária no Brasil. *Revista Caminhando*. Vol. 11, n. 18, jul.–dez. 2006, p. 88.

²⁷ SALVADOR, José Gonçalves. *História do metodismo no Brasil: Dos primórdios à Proclamação da República – 1835 a 1890 – Volume I*. Rio de Janeiro: Imprensa Metodista, 1982, p. 27.

assistência apenas aos colonos que para aqui migraram. Ele criou na região o que ficou conhecido como “Circuito de Santa Bárbara”, formado por cinco congregações que eram distribuídas pelas casas. Uma igreja só foi construída em 1878.

O esforço de Newman foi reconhecido oficialmente apenas em 1875, e, assim, após muitos pedidos, a Igreja Metodista Episcopal dos EUA decidiu enviar o Rev. John James Ransom em 1876 para começar a pregar aos brasileiros. Ransom deu início à missão de forma definitiva na Rua do Catete (onde permanece até hoje), na cidade do Rio de Janeiro, em 1878. Os primeiros cultos foram em inglês, mas em poucos dias, cultos na língua portuguesa também foram realizados, atrelados à abertura de uma Escola Dominical. Entre os primeiros convertidos brasileiros, consta o ex-padre Antônio Teixeira de Albuquerque, que, como outros convertidos, não foram rebatizados.

É bom lembrar que o Rev. J. J. Ransom contribuiu significativamente com o metodismo no Brasil, a ponto de, algumas vezes, utilizarem a expressão “missão Ransom” para se referir ao período em que ele dirigiu o trabalho no país (1876—1886). Além da implantação de igrejas, Ransom fundou, em 1886, o jornal *Methodista Catholico*, que, em 1887, recebeu o nome de *Expositor Cristão* e se tornou o órgão oficial da Igreja Metodista, permanecendo assim até os dias atuais. Na Conferência Anual Brasileira, realizada em 1886, Ransom se desligou da missão brasileira e retornou à sua pátria.

A obra metodista logo se espalhou, para além do Rio de Janeiro. Ransom abriu pontos de evangelização em alguns lugares. Porém, outras várias iniciativas metodistas foram se desenvolvendo em diversas regiões, por meio da itinerância de seus ministros, algo muito caro ao metodismo. Uma missão iniciada por Newman e atrelada à implantação conjunta de uma escola (Colégio Newman) ocorreu em Piracicaba, em 1879. Depois de uma breve pausa, a missão e a escola (depois, Colégio Piracicabano e, hoje, Unimep) foram reiniciadas, em 1881. Pelo menos nos primeiros anos, pode-se destacar a chegada dos metodistas ao Pará, a Pernambuco e ao Maranhão (1880), a Juiz de Fora e a São Paulo (1884), a Porto Alegre (1885) e a Manaus (1887).

Apesar dos diversos pontos de evangelização pelo país, existiam apenas cinco igrejas organizadas em 1885: em Santa Bárbara, no Rio de Janeiro, em Piracicaba, em Juiz de Fora e em São Paulo. No Rio existiam duas congregações, uma em inglês e uma em português. Para a época, sem dúvida, era algo notável. No mesmo ano, os dois primeiros pastores nacionais, Bernardo e Ludgero de Miranda, entraram no ministério. Ainda em 1885, começaram a construção dos dois primeiros templos (em Piracicaba e no Rio de Janeiro), e, em 1886, a missão brasileira buscou o reconhecimento da Igreja como entidade jurídica perante o governo imperial, criando a Conferência Anual Brasileira, que, posteriormente, passou a denominar-se Igreja Metodista Episcopal do Brasil, com dois distritos iniciais, no Rio de Janeiro e em São Paulo. O reconhecimento jurídico veio somente no período da República, e a autonomia desejada pelos brasileiros desde o início do século XX fez com que a Igreja Metodista se tornasse independente da Igreja Americana somente em 1930.

O PROTESTANTISMO DE MISSÃO - OS CONGREGACIONAIS

A história do congregacionalismo brasileiro está totalmente atrelada à história de Robert Reid Kalley. Criado na Igreja Presbiteriana da Escócia e formado em medicina, Kalley chegou a ser ateu por um período. Porém, após realizar algumas viagens pelo mundo e ser profundamente impactado pelo testemunho exemplar de uma paciente, Kalley voltou para a igreja e é hoje

reconhecido como um dos mais importantes missionários que contribuíram com a implantação do protestantismo de missão no país.

Antes de vir ao Brasil, Kalley chegou a ser perseguido na Ilha da Madeira, onde aprendeu a língua portuguesa, o que facilitou muito o seu intento missionário por aqui. Depois de fugir da ilha — disfarçado e às escondidas —, e de passar um tempo em missão em Malta e na Palestina, Kalley foi para os EUA, onde, impressionado pela obra publicada por Kidder e Fletcher,²⁸ entendeu que o Brasil seria o seu campo missionário. Foi assim que aqui ele chegou, em 1855, juntamente com a sua segunda esposa, Sarah Kalley, que era congregacional de berço. Na época, o Rio de Janeiro tinha cerca de 300 mil habitantes e cerca de 50 igrejas e capelas católicas.²⁹

Depois da experiência na Ilha da Madeira, Kalley foi bem cauteloso em sua obra no Brasil, mesmo que as condições religiosas no país fossem bem diferentes de outras nações católicas. Os historiadores informam, com certa regularidade, que o catolicismo do povo brasileiro era mais tolerante quando comparado com outras regiões. A própria Igreja Católica era uma instituição enfraquecida naquele tempo, e, como lembra Léonard, além da escassez de padres e do desregramento moral de alguns, havia ainda um indiferentismo religioso e uma postura secularizada de muitos sacerdotes católicos.³⁰

Ao chegar ao Rio de Janeiro, decidiu morar em Petrópolis. Lá é cá, começou a se relacionar com as pessoas e a evangelizá-las, realizando cultos domésticos que, não obstante, se tornaram um “modelo básico de evangelização [...], o qual, aliás, influiu profundamente na forma do culto protestante brasileiro.”³¹ Além disso, atribui-se a Kalley a criação da primeira Escola Dominical de caráter permanente no Brasil. Porto Filho descreve essa experiência da seguinte maneira:

Na tardinha de domingo, 19 de agosto [1855], instalaram em Gernheim [lar muito amado, em Petrópolis] a primeira classe de Escola Dominical em seu ministério no Brasil, com cinco crianças [...]. A lição foi baseada na história do profeta Jonas. Passados poucos domingos, já a classe de crianças estava maior, dirigida por D. Sara, enquanto o Doutor [Kalley] dirigia uma de adultos.³²

Vale ressaltar que já em meados de 1856 e 1857, existiam três classes de Escola Dominical: uma em português, uma em inglês e uma em alemão. Como se percebe, o trabalho começou com foco no ensino. Nesse sentido, a organização da Escola Dominical é um dos grandes feitos dos congregacionais. E quanto mais o tempo passava, mais a Escola Dominical se fortalecia. Em 1871, por exemplo, o projeto foi modernizado, passando a ter superintendente, professores, secretário, tesoureiro, matrícula de alunos e professores, currículo estabelecido, relatório estatístico, reunião semanal de professores, diferentes classes (das quais cinco eram em Niterói) etc. Ainda merece destaque o fato de que as aulas eram ministradas em classes mistas, com brancos e negros juntos, bem antes da abolição da escravatura, em 1888. Para a época, sem dúvida, tudo isso representou um grande feito.

²⁸ KIDDER, Daniel Parish; FLETCHER, James C. *O Brasil e os brasileiros*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1941.

²⁹ PORTO FILHO, Manoel da Silveira. *Robert Reid Kalley: apóstolo em três continentes - o ministério pioneiro no Brasil*. São Paulo: Editora Reflexão, 2020.

³⁰ LÉONARD, 2002.

³¹ REILY, 2003, p. 115.

³² PORTO FILHO, 2020, p. 70-71.

Em 1857, Kalley teve o primeiro convertido no Brasil — o português José Pereira Louro. Em 1858, Kalley realizou seu primeiro batismo e, no mesmo ano, organizou a primeira igreja evangélica para evangelizar brasileiros no país. O primeiro brasileiro foi Pedro Nolasco, batizado em 1858, mesma data de fundação da igreja.

Kalley era um missionário biocupacional e chegou ao Brasil sem o apoio de nenhuma junta estrangeira de missões, mesmo tendo buscado tal apoio no início na Igreja da Escócia. É por isso que ele é o único missionário independente, que vem ao país sem estar necessariamente vinculado a uma denominação. Da mesma forma, é justamente Kalley quem funda no Brasil a única missão protestante que teve origem em um missionário da Europa, e não dos Estados Unidos, como todos os outros grupos.

Sendo presbiteriano desde a infância, e estando casado com uma esposa congregacional, era de se esperar que ele, talvez, fundasse uma ou outra igreja. Mas, pelo menos no início, não foi isso que aconteceu. Ele organizou, no dia 11 de junho de 1858, com apenas 14 pessoas, a “Igreja Evangélica” — apenas isso. Ele criou uma igreja genuinamente brasileira. Aliás, essa também foi a primeira igreja registrada como entidade jurídica reconhecida pelo governo imperial³³. Depois, em 1863, a igreja passou a se chamar “Igreja Evangélica Fluminense”, como é conhecida até hoje. Desde o início, o sistema foi congregacional. Contudo, conforme afirmam Ferreira e Santana Filho a designação congregacional apareceu apenas em 1916, passando a ser utilizada, de fato, a partir de 1921.³⁴

Sem apoio denominacional algum, Kalley chamou seus companheiros portugueses da Ilha da Madeira que estavam refugiados nos EUA para o ajudar na obra brasileira. São eles: William Pitt (um ex-aluno de Sara) e mais três famílias; Francisco Gama (com esposa e três filhos); Francisco de Sousa Jardim (com esposa e três filhos); e Manoel Fernandes (com esposa e uma prima). Considerando que eram apenas eles, e que não tiveram nenhum apoio estrangeiro e denominacional, há de se reconhecer um certo heroísmo no trabalho realizado por estas famílias, que deixaram tudo para atender à vocação recebida em um país que não era delas, em que, em muitos casos, enfrentariam perseguição e oposição.

Juntamente com eles, Kalley enviou colportores pelo país, na certeza de que tal obra redundaria em êxito para a evangelização entre a população brasileira. Nesse sentido, destaca-se que Kalley colaborou de forma intensa com o trabalho das Sociedades Bíblicas. Entre outras ações de proeminência, Kalley “descobriu desde o início do seu trabalho que a distribuição da Bíblia de casa em casa era essencial para o desenvolvimento da obra missionária”³⁵. Com isso, ele incentivou os novos crentes a estarem sempre envolvidos com tal trabalho. E, de fato, entre os membros da Igreja Evangélica Fluminense, muitos foram colportores que andaram pelo Brasil difundindo as Escrituras. Para se ter ideia da envergadura desse trabalho, Porto Filho apresenta os resultados alcançados ainda nos primeiros anos:

³³ Apesar de a igreja ter sido organizada em 1858, somente “no dia 22 de novembro de 1880, o imperador D. Pedro II assinou o decreto n. 7.907, tornando a Igreja Evangélica Fluminense a primeira igreja evangélica nacional oficialmente registrada no país” (GIRALDI, 2012, p. 209).

³⁴ FERREIRA, Jorge; SANTANA FILHO, Manoel Bernardino de. *Igrejas Evangélicas Congregacionais do Brasil: origens, histórias e desenvolvimento*. Rio de Janeiro: Gráfica, 2015, p. 32.

³⁵ GIRALDI, 2012, p. 175.

Aumentou o número de Bíblias, Novos Testamentos e folhetos vendidos. Em sete meses, de dezembro de 1856 a julho de 1857, Francisco da Gama vendeu 262 Bíblias, 168 Novos Testamentos e 183 folhetos, além de quatro Novos Testamentos e 1.076 folhetos que foram distribuídos gratuitamente. 454 casas foram visitadas e houve contato evangélico com 744 pessoas.³⁶

Duas igrejas foram organizadas por Kalley:³⁷ a Igreja Fluminense (1858) e a Igreja Pernambucana (1873), ambas fundadas no modelo congregacional de governo, embora sem estar atreladas a qualquer denominação específica. Contudo, isso não quer dizer que Kalley não deixou o caminho aberto para uma melhor estruturação das demais igrejas surgidas a partir de seu trabalho. Em primeiro lugar, ele organizou os *28 artigos da Breve Exposição das Doutrinas Fundamentais do Cristianismo*, que foram aprovados pela igreja em 1876 e que passaram a ser uma Confissão de Fé das doutrinas das Igrejas Fluminense e Pernambucana - e que, obviamente, deveriam ser aceitos por todas as outras que passassem a existir no futuro.

Em outro momento, ao chamar a Igreja Pernambucana de filha da Fluminense, Kalley reiterou que, como igrejas evangélicas brasileiras, convinha a ambas “conservar esse sentimento e estreitar as relações”, e que seria “conveniente formar uma associação das igrejas que aceitam os 28 artigos da ‘Breve Exposição.’”³⁸ Essa associação aconteceu, de fato, em 1913, com a primeira convenção em que as igrejas surgidas a partir do trabalho de Kalley se agruparam, na União de Igrejas Evangélicas Indenominacionais, que, posteriormente e após muitas mudanças de nome (onze, ao que parece), passou a ser chamada, em 1969, de União das Igrejas Evangélicas Congregacionais do Brasil — UIECB.³⁹

É claro que muitas outras ações foram realizadas por Kalley. Hahn destaca que, além de cuidar da evangelização e da colportagem, “Kalley dividia o seu trabalho em escrever, estabelecer contatos com o Corpo Diplomático e a sociedade brasileira e visitar os lares onde os cultos domésticos estavam sendo realizados”⁴⁰. Porto Filho acrescenta que o missionário escocês foi capaz de realizar um trabalho que “alcançou pessoas não apenas na área evangélica, mas também da vida, da educação e da saúde”⁴¹. Ainda, além da criação do primeiro hinário brasileiro, em 1861, chamado *Salmos e Hinos*⁴², o protestantismo brasileiro também deve a Kalley o reconhecimento por uma grande luta por ele travada. Foi através da reação de Kalley à perseguição religiosa contra os protestantes que a liberdade religiosa deu um grande salto no Brasil. Kalley permaneceu no país por 21 anos e, depois, retornou à Europa, em julho de 1876.

³⁶ PORTO FILHO, 2020, p. 76.

³⁷ A igreja Evangélica de Niterói foi organizada apenas em 1899.

³⁸ ROCHA, João Gomes. *Lembranças do passado*: Dr. Robert Kalley. 4º Volume. Rio de Janeiro: Novos Diálogos, 2017, p. 251.

³⁹ FERREIRA; SANTANA FILHO, 2015.

⁴⁰ HAHN, 2011, p. 163.

⁴¹ PORTO FILHO, 2020, p. 18-19.

⁴² Mendonça (2008) lembra que esse hinário foi um importante instrumento de alcance dos brasileiros, e que foi utilizado por outras denominações, principalmente os presbiterianos. Entre outros aspectos, talvez, seja por isso que Hahn (2011, p. 149) diz que “o Dr. Kalley provavelmente exerceu mais influência sobre os padrões de culto do que qualquer outro missionário no Brasil.”

O PROTESTANTISMO DE MISSÃO — OS PRESBITERIANOS

O Rev. Ashbel Green Simonton foi o primeiro missionário presbiteriano enviado ao Brasil, chegando aqui em agosto de 1859. De certa forma, ele pode ser considerado o primeiro missionário enviado formalmente por uma junta missionária ao país. Como bem lembra Matos, “a implantação da obra presbiteriana no Brasil resultou dos esforços das igrejas norte-americanas^[43], que ao longo de muitas décadas fizeram um enorme investimento de pessoal e recursos em muitos pontos do território brasileiro”⁴⁴. Por outro lado, o campo brasileiro estava pronto para receber o missionário presbiteriano. Como registra Ferreira, “Simonton chegara, pois, em hora plena de oportunidade. O Brasil se abria ao Evangelho.”⁴⁵

Depois de um tempo de preparo — que, inclusive, o deixava inquieto —, Simonton começou seu trabalho junto aos seus patriotas. Porém, ardia em seu coração o desejo de pregar também aos brasileiros. E foi isso que ele fez, logo depois de aprender um pouco mais da língua portuguesa. Em seu diário, em 18 de novembro de 1859, Simonton evidencia seu grande anseio por aprender português. Em suas próprias palavras, Simonton afirma: “[...] o que mais me interessa agora é aprender a língua. Começo a reprovar-me por perder tempo, pois este é o meu primeiro dever, e enquanto não completar, não tenho condições de ser útil aqui.”⁴⁶ O primeiro culto em português ocorreu em 1860, e em 1862, a primeira igreja foi fundada no Rio de Janeiro, após a conversão dos primeiros crentes. Hoje essa igreja é conhecida como Catedral Presbiteriana do Rio de Janeiro.

Desde o início, Simonton começou a viajar pelo interior em busca de oportunidades para dar prosseguimento à sua missão. Tais viagens abriram novas oportunidades, não apenas para pregar, mas, também, para distribuir Bíblias em várias regiões. Simonton foi um importante representante da Sociedade Bíblica Americana. A ele se deve boa parte do sucesso do trabalho bíblico no Brasil. Como lembra GiralDI, foi ele quem, “como representante da SBA, começou a promover a distribuição das Sagradas Escrituras no Brasil através de colportores.”⁴⁷ Simonton, seus colportores e apoiadores, em viagens pelas cidades do interior do país, realizavam a missão de duas maneiras: eles distribuíam a Bíblia e, ao mesmo tempo, organizavam igrejas presbiterianas.

No aspecto bíblico, Simonton fez um trabalho diferenciado. Em muitas locais visitados, ele e seus companheiros constituíram depósitos de Bíblias em casas comerciais. Em 1864, ele deu início a uma nova forma de distribuir Bíblia, inaugurando a primeira livraria protestante no país, no Rio de Janeiro. Simonton também visitava alguns padres em busca de cooperação para a divulgação da Bíblia, e, como as necessidades eram cada vez maiores, Simonton foi ajudado pelo Rev. Alexander Latimer Blackford, seu cunhado, que, além de ajudá-lo distribuindo as Escrituras, foi igualmente o responsável pela abertura de outra igreja.

⁴³ Na época, existia apenas a Igreja Presbiteriana dos Estados Unidos da América (PCUSA). A Igreja Presbiteriana dos Estados Unidos (PCUS), depois conhecida como Igreja do Sul, surgiu somente a partir de 1861, como resultado da Guerra Civil que eclodiu nos Estados Unidos (1861-1865), fazendo com que a PCUSA passasse a ser reconhecida como Igreja do Norte.

⁴⁴ MATOS, Alderi Souza de. *Os pioneiros: presbiterianos do Brasil (1859-1900): missionários, pastores e leigos do século 19*. São Paulo: Cultura Cristã, 2004, p. 13.

⁴⁵ FERREIRA, Julio Andrade. *A história da Igreja Presbiteriana do Brasil*. Vol. 1. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1992, p. 24.

⁴⁶ SIMONTON, Ashbel Green. *O Diário de Simonton: 1852-1866*. Trad. D. R. de Moraes Barros. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2002, p. 132-133.

⁴⁷ GIRALDI, 2012, p. 142.

Desse modo, com o foco na ampliação do campo, Blackford mudou para São Paulo em 1863, onde, no mesmo período, realizou seu primeiro culto, ainda em inglês. O primeiro culto em português aconteceu no final daquele ano. Ferreira destaca que, depois de muita propaganda, e em um lugar próprio e adequado, a nova igreja começou a ter “cultos aos domingos de manhã e à noite, bem como às quartas-feiras, e escola dominical.”⁴⁸ A igreja foi formalmente organizada em São Paulo no ano de 1865.

Infelizmente, o ministério de Simonton no Brasil foi curto, com duração de apenas sete anos, e cheio de dificuldades. A esposa morreu um ano e três meses após o primeiro aniversário de casamento, e nove dias após o nascimento da filha. Antes de morrer com febre amarela, aos 34 anos de idade, Simonton criou uma escola paroquial, fundou o primeiro periódico evangélico do país (*Imprensa Evangélica*, em 1864), criou o primeiro presbitério (1865) e organizou o primeiro seminário, chamado *Seminário Primitivo*, com vistas à formação de obreiros nacionais no próprio país (1867).

Blackford chegou a assumir a missão no Rio de Janeiro, logo após a morte de Simonton. Contudo, dentro de pouco tempo, ele assumiu a função de representante da Sociedade Bíblica Americana no Rio de Janeiro. Com a instalação da agência bíblica na cidade, Blackford deixou suas funções pastorais na Igreja Presbiteriana para passar a se dedicar totalmente ao trabalho de distribuição da Bíblia no país. Uma de suas primeiras tarefas foi a “revisão do Novo Testamento na tradução de João Ferreira de Almeida, com o objetivo de adaptá-la ao português usado na época no Brasil.”⁴⁹

Para além de Blackford, e entre muitos outros, o presbiterianismo brasileiro ainda ficou marcado pela contribuição de Francis J. C. Schneider, missionário na Bahia, e George W. Chamberlain, pastor em São Paulo e fundador do que hoje se conhece como Universidade Presbiteriana Mackenzie. Além desses, outro nome merece destaque nesta história. Trata-se do ex-padre, Rev. José Manoel da Conceição, que, depois de convertido, viajou por várias regiões onde tinha exercido o sacerdócio católico para, então, propagar a fé protestante.

Conceição fez um trabalho missionário significativo à época, viajando por várias cidades do interior de São Paulo e deixando, na maioria delas, uma igreja, ou, pelo menos, um povo convertido à nova fé, pronto para formar uma igreja. Tal realidade pode explicar a razão pela qual a Província de São Paulo se tornou tão importante na expansão do presbiterianismo. Como exemplo, a igreja de Brotas, local em que Conceição havia passado pela última vez como padre, deu origem à Igreja Presbiteriana, ainda em 1865. Léonard⁵⁰ lembra, inclusive, que a igreja de Brotas chegou a ser a maior igreja protestante do país. Depois vieram Lorena, Borda da Mata e Sorocaba.

Como se percebe, principalmente quando comparado aos demais grupos protestantes, o presbiterianismo foi o ramo que mais cresceu e se desenvolveu no Brasil até meados da década de 1910, pelo menos, tanto em quantidade de convertidos como em estrutura eclesial. Entre 1859 e 1889, cerca de 45 missionários haviam sido enviados para o país. Em 1891 eles já tinham quase três mil membros e 31 pastores, sendo 12 deles nacionais. Em 1888, já existiam 60 igrejas. Até 1903,

⁴⁸ FERREIRA, 1992, p. 39.

⁴⁹ GIRALDI, 2012, p. 204.

⁵⁰ LÉONARD, 2002.

certamente como fruto do investimento da evangelização e da formação de obreiros, os presbiterianos já haviam ordenado 48 pastores nacionais. Para um país que até pouco tempo era católico (e antiprotestante), esse dado é significativo para a história da fé protestante no Brasil.

Ferreira⁵¹ apresenta uma síntese desse período histórico quando afirma que o presbiterianismo se desenvolveu no Brasil em três momentos, pelo menos: o primeiro é o *período de penetração* (1859—1869), caracterizado pela chegada dos primeiros missionários e pela implantação das primeiras igrejas. Em um segundo momento, temos o *período de expansão* (1869-1888), com a chegada de uma segunda leva de missionários do sul dos EUA na região de Campinas (após a Guerra Civil americana, entre 1861 e 1865) até a criação do primeiro Sínodo brasileiro, em 1888, dando certa autonomia às mais de 60 igrejas brasileiras existentes à época. Por último, Ferreira faz uma alusão ao *período de dissensão* (1888-1903), uma época em que começaram a surgir questionamentos que culminaram em problemas internos no presbiterianismo brasileiro.

Por isso, ainda que o fato tenha ocorrido um pouco mais tarde, isto é, em 1903, é de bom alvitre lembrar que o presbiterianismo se dividiu, quando um grupo de obreiros nacionais criou a Igreja Presbiteriana Independente do Brasil. Ainda que o motivo apresentado para tal ruptura tenha sido a questão maçônica (presente na implantação das missões protestantes no Brasil), parece que, de fato, foi um espírito nacionalista que levou pastores brasileiros a lutarem por um presbiterianismo nacional, em contraposição à presença e interferência de missionários americanos na igreja brasileira. O desligamento da Igreja Presbiteriana do Brasil da Igreja Presbiteriana dos EUA veio a acontecer apenas na década de 1980.

O PROTESTANTISMO DE MISSÃO - OS BATISTAS

A história dos batistas no Brasil pode ser dividida em alguns momentos distintos. O primeiro missionário a chegar ao país foi Thomas Jefferson Bowen. Depois de uma experiência missionária na África, Bowen chegou ao Rio de Janeiro em 1859, já com o interesse de evangelizar os escravos. Contudo, por questões de saúde, Bowen retornou à sua pátria pouco mais de um ano depois de sua chegada, “sendo, aparentemente, infrutíferos seus esforços”⁵². Além disso, Pereira⁵³ afirma que as informações oferecidas por Bowen em seu retorno aos EUA sobre o Brasil parecem não ter sido das melhores. Possivelmente, a Junta de Missões Estrangeiras não enviou missionários ao Brasil tão cedo devido aos grandes obstáculos relatados por Bowen. Tal realidade mudou somente depois de 20 anos.

O segundo momento de interesse dos batistas pelo Brasil se deu em relação aos colonos americanos que fugiam da Guerra da Secessão nos EUA e migravam para o Brasil. A maioria, como já se constatou, migrava para a região de Santa Bárbara. E foi exatamente nessa cidade que, em 1871, um grupo de colonos fundou a primeira Igreja Batista organizada no Brasil, tendo, provavelmente, Richard Ratcliff como pastor.⁵⁴ Como era de se esperar, os cultos aconteciam apenas na língua inglesa. Pereira lembra que essa igreja não tinha objetivos missionários, pois “não

⁵¹ FERREIRA, 1992.

⁵² PEREIRA, J. Reis. *Breve história dos batistas*. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista – Rio de Janeiro, 1979, p. 88.

⁵³ PEREIRA, J. Reis. *História dos Batistas no Brasil*. Rio de Janeiro: JUERP, 1982.

⁵⁴ CRABTREE, A. R. *História dos batistas no Brasil até 1906*. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1962.

visava à evangelização dos arredores”⁵⁵. Com o mesmo propósito, uma segunda igreja foi criada em 1879, numa região conhecida como Estação.

Essas duas igrejas não tiveram continuidade. Nessa perspectiva, alguns historiadores eclesiais, mormente ligados aos batistas, preferem situar o início da Igreja Batista no Brasil em outro período e contexto. Pereira, por exemplo, afirma que a experiência acontecida no interior de São Paulo foi apenas “um estágio preliminar na história batista do Brasil”⁵⁶, um marco, por assim dizer. Ainda assim, pode-se afirmar que a igreja de Santa Bárbara contribuiu de forma significativa com a implantação permanente dos batistas no país, já que foi a partir dela que cartas foram escritas à Convenção Batista do Sul dos EUA, solicitando que os americanos atentassem para a necessidade da pregação entre os brasileiros e que, portanto, se fazia necessário o envio de missionários para o Brasil.

Apesar dos pedidos, os batistas americanos deram atenção ao Brasil apenas depois da interferência positiva de A. T. Hawthorne. Ao que parece, ele esteve no país⁵⁷ e se encantou. Por isso, foi o grande entusiasta para que os batistas olhassem por essa terra. Quando fala do Brasil em um relatório, Hawthorne diz que “não há outro país ao alcance dos trabalhos missionários que seja mais convidativo ou que ofereça resultados maiores e mais prontos.”⁵⁸ E foi exatamente em uma pregação de Hawthorne que William Buck Bagby ouviu o sermão e ficou admirado com o campo missionário no Brasil. Desse modo, Bagby e Ann Luther se apresentaram à Junta de Missões Estrangeiras da Convenção Batista e foram nomeados para o Brasil, mesmo recém-casados.

Com o objetivo de aprender a língua e se adaptar ao país, o casal Bagby mudou para Santa Bárbara. Lá conheceram Antônio Teixeira de Albuquerque, ex-padre que havia se convertido com os metodistas. Como não tinha sido rebatizado pelos metodistas que aceitavam o batismo católico, Albuquerque desejou ser batizado pelos batistas. Destaca-se aqui um aspecto importante, já que os batistas foram os primeiros a realizar o batismo por imersão em terras brasileiras. Esse aspecto foi um diferencial em relação aos demais grupos que batizavam apenas por aspersão. Os batistas faziam questão de ressaltar tal diferença em suas pregações pelo país. César⁵⁹ chega a dizer que era comum existir não apenas uma conversão ao evangelho, mas também ao batismo. Albuquerque foi o primeiro brasileiro a ser batizado, e foi fundamental no apoio aos missionários, tanto no aspecto da língua quanto das informações necessárias sobre o Brasil.

Pouco tempo depois da chegada dos Bagby, Zachary e Kate Taylor também chegaram com o mesmo propósito evangelístico entre os brasileiros, pois tinham sido impactados com a leitura do livro de Kidder e Fletcher sobre o Brasil. Para levar adiante tal objetivo, Bagby e Taylor decidiram fazer uma viagem para conhecer o campo brasileiro, e, enquanto estavam passando pela região de Minas, após um momento de oração de joelhos, com o mapa do Brasil em mãos, escolheram a cidade de Salvador para definitivamente dar início a uma igreja batista para brasileiros. Salvador era considerada a cidade mais católica do Brasil, e era também a segunda maior cidade à época, com 250 mil habitantes. Pereira⁶⁰ destaca que o campo missionário na região estava pouco ocupado por

⁵⁵ PEREIRA, 1979, p. 89.

⁵⁶ PEREIRA, 1979, p. 89.

⁵⁷ (CÉSAR, 2000) afirma que Hawthorne esteve no Brasil em um período anterior, com o objetivo de implantar uma colônia de imigrantes americanos.

⁵⁸ PEREIRA, 1982, p. 12.

⁵⁹ CÉSAR, 2000.

⁶⁰ PEREIRA, 1982.

outros missionários. E foi para lá que partiram Bagby e Taylor, acompanhados por suas respectivas esposas e Albuquerque,⁶¹ o ex-padre, que agora passaria a dedicar sua vida na implantação da fé protestante no país.

Desse modo, na cidade de Salvador, e contando inicialmente com cinco membros fundadores, foi organizada, no dia 15 de outubro de 1882, a Primeira Igreja Batista da Bahia, sendo, obviamente, a primeira igreja batista para brasileiros. César⁶² destaca o foco evangelístico dos batistas na cidade baiana. Aliás, ressalta-se que os batistas tinham uma ênfase conversionista muito maior do que os outros grupos protestantes. Mesmo sem ter pastores suficientes, alguns “pontos de pregação” eram abertos em determinados lugares. A publicação de impressos foi uma importante estratégia que os batistas utilizaram para se fazerem conhecidos.

Entre outras ações, percebe-se a ênfase na distribuição das Escrituras. Reily apresenta um documento em que Bagby e Taylor afirmam que usam “a versão de Figueiredo da Bíblia, publicada pela Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira em Lisboa, que tem a aprovação do arcebispo da Bahia.”⁶³ Como já se constatou, distribuir a versão católica da Bíblia ajudou muito na evangelização, em um país católico como o Brasil. Considerando tal contexto, principalmente em Salvador, os primeiros missionários sofreram muita perseguição. Bagby chegou a ser ferido durante um apedrejamento enquanto pregava, o que o levou ao desmaio. Mas nada disso impediu o crescimento e a conversão de novas pessoas, permitindo que a igreja baiana ficasse bem fortalecida.

Foi nesse ínterim que Bagby e sua esposa decidiram mudar para o Rio de Janeiro, deixando os Taylor na Bahia, para, assim, darem início à missão na capital do Império. O Rio comportava, à época, uma população bem próxima a meio milhão de pessoas. Assim, a igreja de Salvador enviou o pastor Bagby, sua esposa e a irmã Mary O’Rorke para o Rio de Janeiro. Na cidade, conheceram Elizabeth Williams, uma escocesa que pertencia ao Tabernáculo Batista de Londres e que, por ora, morava no Rio. Os missionários, junto com O’Rorke e Williams, se reuniram na casa dela e organizaram a Primeira Igreja Batista do Rio de Janeiro, em 24 de agosto de 1884. Ainda com o objetivo de levar a cabo sua missão, Bagby fixou residência em São Paulo (1900) e, por último, em Porto Alegre (1927), cidade onde faleceu, em 1939.

Ainda em 1886, Albuquerque também deixou a igreja de Salvador e partiu para Maceió, lugar onde por último ele havia estado como sacerdote católico. Albuquerque foi ajudado por um antigo amigo de Recife, que já havia compartilhado com ele a verdade do evangelho. Trata-se de Wandregesilo Melo Lins. Assim sendo, Albuquerque e Melo Lins organizaram a terceira Igreja Batista no Brasil, no dia 17 de maio de 1885. Pouco tempo depois, Melo Lins retornou a Recife e, juntamente com o missionário C. D. Daniel que era de Santa Bárbara, fundou a Primeira Igreja Batista do Recife, em 4 de abril de 1886. Como se percebe, em apenas quatro anos, já existiam quatro igrejas batistas em diferentes regiões do país. Já em 1889, teve início o trabalho batista em Juiz de Fora, no estado de Minas Gerais, e em Valença, na Bahia. A fim de ampliar a presença batista, em 1893, já existiam 20 missionários atuando no Brasil.

⁶¹ Apesar de Pereira (PEREIRA, 1979) afirmar que a esposa de Albuquerque não fazia parte da comissão porque ainda não havia se convertido, ao que parece, a Sra. Albuquerque era convertida, mas apenas não abandonou de início a fé metodista (CÉSAR, 2000). Um pouco mais tarde, ela também se tornou batista.

⁶² CÉSAR, 2000.

⁶³ REILY, 2003, p. 149.

Uma estratégia de evangelização adotada por Bagby, que era um professor-pregador,⁶⁴ foi a de ressaltar a importância da educação na evangelização do povo brasileiro. Crabtree, quando cita Bagby, destaca esse aspecto, ao afirmar que os “colégios prepararão o caminho para a marcha das igrejas”. Por isso, convoca: “[...] mandai missionários que estabeleçam colégios evangélicos e o poder irresistível do evangelho irá avante.”⁶⁵

Por fim, vale destacar alguns missionários que contribuíram significativamente com a obra batista no Brasil. Entre outros, destacam-se Salomão L. Ginsburg, W. E. Entizminger e Eurico Alfredo Nelson. Salomão,⁶⁶ que antes era congregacional, pregou em várias regiões do país e traduziu vários hinos presentes no hinário *Cantor Cristão*. Entizminger, por sua vez, dedicou-se à escrita. Além de escrever vários livros, também criou, em 1901, *O Jornal Batista* e a *Casa Publicadora Batista*, que, aliás, serviram para dar uma única voz aos batistas — os quais, até então, publicavam de forma isolada e para diminuir o isolamento entre as igrejas.⁶⁷ Já Eurico Nelson, conhecido como “Apóstolo da Amazônia”, foi colportor de Bíblias e trabalhou por quase 50 anos como missionário, sendo o fundador das Igrejas Batistas de Belém, Manaus e outras mais na região.

Os batistas se espalharam pelo país, e a partir do século XX, passaram a ser a igreja histórica que mais cresceu no Brasil. Em um escrito na virada do século, Bagby informa que já existiam 23 igrejas batistas no país. Léonard aponta que, pouco depois, em 1906, os batistas passavam de 4 mil membros no país.⁶⁸ A ênfase evangelística e a valorização do trabalho leigo, que era principalmente realizado por obreiros nacionais, são algumas das razões que talvez expliquem tal desenvolvimento. O Protestantismo de Missão - Os Episcopais

Descrever a história dos episcopais no Brasil constitui um grande desafio, por diferentes razões. A primeira é de natureza situacional, pois, de certa forma, a história dos anglicanos se entrelaça à história dos episcopais. Pode-se dizer que eles têm a mesma origem. Por conta disso, faz-se necessária uma rápida explicação. Conforme pontua Kicköfel,⁶⁹ a fé anglicana nos Estados Unidos é filha direta da Igreja Anglicana, também conhecida como Igreja da Inglaterra. Não obstante, com a independência dos Estados Unidos (1776), se fez necessário desvincular uma da outra, dando origem, assim, à Igreja Protestante Episcopal dos Estados Unidos (1789), conforme Kicköfel.

E isso tem alguma coisa a ver com o Brasil? A resposta é sim, e muito. Os anglicanos foram os primeiros a chegar ao Brasil por meio dos Tratados de Aliança e Amizade, de Comércio e Navegação, firmados em 1810 entre o Império Português que estava no Brasil e a Inglaterra. Por isso, os anglicanos, por meio do protestantismo de imigração, chegaram ao Brasil antes de todos os outros grupos. Como se sabe, entretanto, a ação anglicana se restringiu aos ingleses e estrangeiros que aqui moravam. Eles não se preocuparam com os brasileiros. É nesse ínterim que surgem os episcopais, enviando seus missionários diretamente dos Estados Unidos para o Brasil quando a Proclamação da República (1889) batia às portas no país. A dificuldade se estabelece na decisão de

⁶⁴ MENDONÇA, 2008.

⁶⁵ CRABTREE, 1962, p. 70.

⁶⁶ Salomão L. Ginsburg compôs a obra *Um judeu errante no Brasil*, editada pela Casa Publicadora Batista, onde descreveu algumas de suas experiências.

⁶⁷ CRABTREE, 1962.

⁶⁸ LÉONARD, 2002.

⁶⁹ KICKÖFEL, Oswaldo. *Notas para uma História da Igreja Episcopal Anglicana do Brasil*. Porto Alegre: Projeto Memória/IEAB, 1995.

incluir episcopais como anglicanos ou tratá-los de forma separada. Talvez, deva haver uma mistura de ambos, como bem afirma Calvani, quando diz que os episcopais brasileiros são o “resultado da união de ambos os movimentos.”⁷⁰

A segunda razão para esta tarefa ser tão desafiadora tem a ver com a questão da expressividade; afinal, os episcopais são pouco conhecidos, e sua existência pode até passar despercebida. Talvez, por isso, muitos os confundem com os católicos. Como bem lembra César, a Igreja Episcopal é “uma das denominações protestantes mais chegadas à Igreja Católica Romana.”⁷¹ Tais semelhanças giram em torno de costumes, doutrina e liturgia. Todavia, nenhuma dessas razões deveria impedir um melhor conhecimento e uma necessária valorização em relação à chegada dos últimos missionários que foram enviados para o Brasil com propósitos evangelísticos, quase no final do século XIX.

Portanto, ainda que os anglicanos ingleses tenham chegado primeiro por aqui, por meio da imigração, importa perceber como os episcopais americanos, imbuídos de um espírito missionário, contribuíram no período do protestantismo de missão no Brasil. Há de se lembrar, ainda, que ambos os grupos se aproximaram, de fato, apenas a partir das décadas de 1950 e 1960. É por isso que a decisão de enviar missionários episcopais americanos para o Brasil, ainda no final do século XIX, se deu depois de se constatar que havia escassez de ministros e igrejas, fossem católicas ou protestantes, e que, por mais que fossem semelhantes aos católicos em muitos aspectos, o catolicismo brasileiro era supersticioso e nada fiel aos princípios do evangelho. Era uma religiosidade que pouco tinha a ver com a verdadeira fé cristã. Assim sendo, tais realidades demonstram que os episcopais podem (e devem) ser percebidos à parte.

Retomando a história, é preciso voltar novamente aos Estados Unidos, mais precisamente ao Seminário Teológico de Virginia, onde dois jovens seminaristas receberam o chamado missionário, “inflamados pelo ardor evangelístico que tomou conta das igrejas protestantes norte-americanas na segunda metade do século XIX.”⁷² São eles Lucien Lee Kinsolving e James W. Morris, dois colegas de turma no seminário. A Sociedade Missionária da Igreja Protestante Episcopal dos Estados Unidos desejava enviar missionários ao Brasil desde 1888; porém, apenas em 1889 é que esses dois jovens, recém-formados, rumaram para o país.

No dia 30 de junho, meses antes da Proclamação da República, Kinsolving e Morris chegaram a Santos. Fizeram breve passagem por São Paulo e pelo Rio de Janeiro, e na cidade de Cruzeiro, na antiga Província de São Paulo, eles aprenderam, por cerca de seis meses, um pouco da língua portuguesa para, posteriormente, partirem para Porto Alegre, na região Sul do país, acompanhados por um casal que pertencia à Igreja Presbiteriana de São Paulo. São eles Boaventura e Inês de Souza. Nesse aspecto, vale a pena pontuar um detalhe importante da história. Os episcopais tiveram uma grande ajuda por parte dos presbiterianos. Desde a época dos estudos nos Estados Unidos, os seminaristas costumavam frequentar a casa de uma senhora que tinha uma sobrinha com fortes vínculos com o Brasil. Essa menina era Helen Murdoch Simonton, filha de Ashbel Green Simonton, o fundador do presbiterianismo brasileiro. Helen incentivou os jovens seminaristas a virem para o Brasil como missionários.

⁷⁰ CALVANI, Carlos Eduardo B. Anglicanismo no Brasil. *Revista USP*. São Paulo, n. 67, set./nov. 2005, p. 39.

⁷¹ CÉSAR, 2000, p. 102.

⁷² CALVANI, 2005, p. 40.

O local em que eles ficaram hospedados em Cruzeiro, onde também aprenderam a língua portuguesa, pertencia ao pastor presbiteriano Benedito Ferraz. O autor também destaca que Kinsolving e Morris partiram para Porto Alegre com uma carta de recomendação enviada para Vicente Brande, um cristão presbiteriano de Porto Alegre, e que foi escrita por Eduardo Carlos Pereira, pastor da Igreja Presbiteriana de São Paulo. E não para por aí. Conforme afirma Mendonça,⁷³ devido a um acordo por divisão de território, a própria congregação presbiteriana da cidade gaúcha foi transferida para os episcopais, tendo entre os primeiros membros os cristãos presbiterianos - entre eles, o casal Boaventura e Inês de Souza e o gaúcho Vicente Brande. Este último, e o próprio Boaventura, se tornaram mais tarde ministros episcopais. A contribuição dos presbiterianos para a obra episcopal é notória.

Kinsolving e Morris chegaram a Porto Alegre, que na época tinha cerca de 60 mil habitantes, “onde realizaram o primeiro culto em português para brasileiros em 1º de junho de 1890. No ano seguinte estabeleceram congregações em Porto Alegre, Rio Grande, Santa Rita e Pelotas.”⁷⁴ Com o crescimento, outros missionários foram enviados para o Brasil, e o campo brasileiro foi reconhecido como “Missão da Igreja Protestante Episcopal dos Estados Unidos” em 1895.

César destaca que “poucas missões cresceram tão depressa em sua fase inaugural como a missão episcopal.”⁷⁵ Em poucos anos, os episcopais já somavam mais de 300 membros e formaram quatro pastores brasileiros. Kicköfel (1995) resume a história ao apontar que em 1903 foi criado um seminário e em 1907 formou-se um distrito missionário. Apenas em 1965, a Igreja Episcopal do Brasil se tornou autônoma da igreja-mãe dos Estados Unidos. Kinsolving, que havia sido sagrado bispo em 1899, morreu em 1929, depois de mais de 40 anos de dedicação missionária no Brasil.

Vários missionários episcopais realizaram um grande trabalho no país. Entre eles, destacam-se William Cabell Brown (que também trabalhou distribuindo Bíblias pelas Sociedades Bíblicas no Sul do país), John Gaw Meem e a professora Mary Packard. Juntamente com Kinsolving e Morris, esses missionários são considerados os fundadores da fé episcopal no Brasil. Destaca-se, ainda, o Rev. Richard Holden, que veio ao país como agente da Sociedade Bíblica Americana, na região amazônica.⁷⁶ A partir de Belém, Holden “divulgou a Bíblia na imprensa e promoveu a sua distribuição através de contatos pessoais na capital e no interior da província, navegando pelos rios da Amazônia.”⁷⁷

Em seu trabalho, Holden chegou a provocar uma longa e polêmica discussão com o bispo católico, D. Antonio de Macedo Costa. Na ocasião, Holden defendeu bravamente o direito de se divulgar as Escrituras na região. Em 1864, Holden foi convidado pela Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira para trabalhar como seu agente em Salvador, e em 1867, foi convidado por Robert Kalley para se mudar para o Rio de Janeiro. Na capital do Império, Holden acumulou as funções de agente da Sociedade Bíblica e de pastor auxiliar na Igreja Evangélica Fluminense.

⁷³ MENDONÇA, 2008.

⁷⁴ CALVANI, 2005, p. 40

⁷⁵ CÉSAR, 2000, p. 102.

⁷⁶ VIEIRA, David Gueiros. *O protestantismo, a maçonaria e a questão religiosa no Brasil*. Brasília: Universidade de Brasília, 1980, pp. 163-164.

⁷⁷ GIRALDI, 2012, p. 195.

CONTRIBUIÇÕES DO PROTESTANTISMO DE MISSÃO PARA O BRASIL DO SÉCULO XIX

A chegada do protestantismo de missão provocou transformações que contribuíram significativamente para o Brasil Império e, posteriormente, para a República. A fé protestante não se baseou apenas na pregação. Ela se desenvolveu de diversas formas, uma vez que, além de pregar, os missionários também passaram a desenvolver diversas ações que impactaram positivamente a sociedade brasileira.

Durante o período colonial, e em boa parte do período imperial, o Brasil foi marcado pelo analfabetismo, pela carência cultural e pela ausência de instrução. As poucas escolas que existiam serviam à elite. O mínimo de instrução formal que se tinha era para os padres. A situação só não era pior devido ao bom trabalho realizado pelos jesuítas, que, no entanto, foram expulsos em 1759. Considerando que para se exercer a fé protestante a leitura e a instrução são fundamentais, “os missionários colocaram ao lado de cada comunidade uma escola.”⁷⁸

De fato, as missões acima descritas implantaram *escolas paroquiais* ao lado de suas igrejas, as quais tinham por objetivo alfabetizar as pessoas e auxiliar na propagação da fé protestante entre a população em geral. Os *colégios americanos*, surgidos a partir de 1870, também tinham por objetivo a instrução e a introdução de elementos transformadores da cultura dos brasileiros no alto escalão da sociedade, com a criação de uma civilização cristã protestante. Em ambos os casos, a Bíblia constitui o texto-base para o ensino. Não há dúvida de que a educação brasileira foi muito beneficiada com a chegada dos protestantes - evangelizadores e professores -, sendo frente importante da missão.

Uma estratégia específica dos missionários foi o uso intenso e deliberado da imprensa. Nesse aspecto, pode-se destacar a atuação incisiva de Kalley e Simonton, entre outros. Era comum o uso de pseudônimos na época, e foi dessa forma que os missionários publicavam artigos nos principais órgãos de imprensa. O tema que predominava em tais escritos girava em torno de polêmicas contra a fé católica ou assuntos que distinguiam e ressaltavam o diferencial da fé protestante. Além de responder no mesmo tom, alguns católicos chegaram a criar seus próprios órgãos de imprensa, com o objetivo de confrontar os propagadores da nova fé. Sem dúvida, a escrita foi importante na divulgação do protestantismo no país.

Algo muito caro hoje aos brasileiros é a liberdade religiosa. Contudo, como se sabe, até 1889, o catolicismo era a religião oficial do Brasil. No tempo da Colônia, era proibido o exercício da qualquer fé não católica no país. A flexibilidade em relação à prática de outras religiões começou a partir de 1810, em um tratado que liberou os súditos do Reino Unido a exercerem sua fé, sem construir templos e sem proselitismo. Aos imigrantes europeus de outra região, a mesma liberdade foi concedida. Contudo, como se constata, o protestantismo de missão encontrou muitas dificuldades na pregação. Ocorreram muitas perseguições, afrontas e violências contra os protestantes reunidos. Léonard diz, por exemplo, que em meados de 1860, contra os protestantes “eram atiradas pedras, as escadas externas ensaboadas ou untadas de excrementos, dirigiam-se insultos e ameaças de sevícia [crueldade] contra os assistentes, e tudo isso com a autorização ou participação da polícia local.”⁷⁹

⁷⁸ MENDONÇA, 2008, p. 144.

⁷⁹ LÉONARD, 2002, p. 58.

Entretanto, ressalta-se, entre outros aspectos, a contribuição dos protestantes na luta pela liberdade religiosa no país. Kalley, nesse aspecto, merece ainda mais destaque. Diante dos ataques e das proibições que sofreu, Kalley foi incansável na luta pela liberdade religiosa no país, envolvendo juristas (de quem obteve resposta favorável) e autoridades da época na discussão do assunto. Ele chegou a ameaçar espalhar pelo mundo que no Brasil não havia a tolerância religiosa prometida. Com tal liberdade conquistada, os protestantes passaram a ter o direito não apenas de pregar, mas também de se casar, registrar filhos e sepultar em cemitérios públicos (mesmo que em lugar separado), a partir de um decreto de 1863. A plena liberdade religiosa veio apenas com a Proclamação da República, em 1889, e confirmou-se em 1890, com a desoficialização da Igreja Católica como religião do estado.⁸⁰

Os protestantes também tiveram uma relativa participação na política do país. Eles debateram e expressaram suas opiniões em assuntos que emergiam à época. Entre outros, pode-se citar a questão da Amazônia, a questão religiosa (ou dos bispos), a luta pelo Republicanismo e a abolição da escravatura. Em diversos momentos, os missionários se posicionaram politicamente. Em alguns casos, escreveram sobre o assunto e, em outros, conversavam diplomaticamente com as autoridades sobre tais temas.

Para tanto, se fez necessário que em alguns casos os protestantes desenvolvessem um aproximado relacionamento com as autoridades políticas da época. Entre outros que receberam influência dos missionários, pode-se destacar o Regente Padre Feijó (como deputado, ministro da justiça, senador e depois regente do Império) e D. Pedro II, que, inclusive, foi amigo de Kalley. O Rev. Fletcher, que exercia uma função diplomática em representação dos EUA no Brasil entre 1852 e 1869, também andou pelos mais altos círculos do poder no período do Brasil Imperial. Hahn lembra que o relacionamento de Fletcher “com gente dos círculos sociais e políticos em muito contribuiu para a abertura de portas ao culto evangélico”⁸¹ no país.

No período colonial, a entrada de estrangeiros era proibida no Brasil. Para se ter uma ideia, qualquer forma de comunicação ou comércio do Brasil com outras nações era estritamente proibida por Portugal. Como uma colônia, o Brasil vivia um verdadeiro isolamento cultural, político, comercial e religioso. Somente com a chegada do D. João VI foi que o Brasil se abriu para o mundo em relação ao comércio, mas, igualmente, com a liberdade de ir e vir. Foi a abertura dos portos às nações amigas, promovida por D. João VI por meio de um dos Tratados de Aliança e Amizade, de Comércio e Navegação (1810), que fez com que essa realidade mudasse. A verdade é que, inicialmente, a abertura foi aos ingleses, mas logo outras nações também passaram a se interessar pelo Brasil.

Nesse aspecto, alguns missionários contribuíram significativamente, promovendo a divulgação do Brasil aos estrangeiros com o intuito de buscar um relacionamento comercial e internacional melhor entre EUA e Brasil, por exemplo. As publicações de Kidder e Fletcher (relacionadas nas referências) propagaram o Brasil aos estrangeiros.⁸² Alguns acham tal iniciativa boa; outros discordam, afirmando que ficou atrelada a ideia de um protestantismo civilizador a partir do estilo de vida americano (em busca da prosperidade e do modelo de vida norte-

⁸⁰ HAHN, 2011.

⁸¹ HAHN, 2011, p. 23.

⁸² RIBEIRO, Boanerges. *Protestantismo e cultura brasileira: aspectos culturais da implantação do protestantismo no Brasil*. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1981.

americano). Seja como for, não há como negar que tais divulgações contribuíram para a realidade do país, seja no âmbito comercial ou no aspecto evangelístico.

Por fim, cabe destacar a preciosa contribuição dos missionários e dos protestantes em geral na área da ação social, e, em alguns casos, na área da saúde. Existem vários relatos sobre o envolvimento dos missionários nessas áreas. Kalley, por exemplo, ajudou como médico em situações emergenciais no contexto da febre amarela que castigava o Brasil na época. Porto Filho lembra que Kalley “ofereceu seus préstimos de médico à Comissão Sanitária do município [de Petrópolis], enquanto atendia a numerosos enfermos entre os mais pobres”⁸³. Até mesmo em um assunto polêmico como a escravidão, alguns missionários se manifestaram contra tal realidade. Entre eles, destacam-se Spaulding, Kalley e Fletcher. Essa iniciativa era um diferencial para um contexto em que, conforme afirmam González e González, “a igreja Católica no Brasil apoiava plenamente a escravidão negra.”⁸⁴

O Rev. Hugh Clarence Tucker, missionário metodista que chegou ao Brasil no final do período do Império, realizou obras sociais e médicas que trouxeram muitas contribuições para a população do Rio de Janeiro. O resultado delas pode ser visto até os dias de hoje no Instituto Central do Povo (ICP), centro social voltado para assistência médica e dentária aos moradores do Morro da Providência (primeira favela do Brasil, surgida em 1897), no Rio de Janeiro. Reily⁸⁵ destaca que, com o passar do tempo, o ICP ofereceu aos mesmos moradores jardim de infância, parque infantil, escola primária, aulas de enfermagem, culinária, costura, datilografia, educação física e ensino religioso. Tucker ainda cooperou com o governo brasileiro na erradicação da febre amarela no Brasil e mobilizou a classe política, econômica, diplomática, religiosa e o próprio povo, numa campanha de combate à tuberculose.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A chegada do protestantismo de missão ao Brasil não foi fácil. Além das dificuldades linguísticas e culturais, relacionadas à mudança de um país para outro, enquanto estiveram no país, os missionários realizaram várias viagens longas e cansativas. Os historiadores são unânimes em descrever que, no período, houve morte de muitos missionários, suas esposas e filhos. De fato, apenas a consciência de um chamado missionário poderia fazê-los permanecer. Alguns não conseguiram enfrentar tais realidades e voltaram para a sua pátria. Contudo, a maioria deles foi fiel no cumprimento da missão.

A história, neste artigo, é breve. Porém, ela demonstra a importância da dedicação desses missionários. Muitas vezes trabalhando juntos, em apoio mútuo, bem como superando as diferenças denominacionais que existiam, eles alcançaram êxito na evangelização do Brasil. Como bem destaca Mendonça, desde 1824 até 1891, ou seja, por quase todo o período do Império, “foi sendo reduzida a hegemonia católica e os protestantes foram conquistando o seu lugar no espaço social brasileiro.”⁸⁶ Léonard acrescenta que no final do século XIX, “calculava-se perto de 30.000 o

⁸³ PORTO FILHO, 2020, p. 71.

⁸⁴ GONZÁLEZ, Ondina E; GONZÁLEZ, Justo L. *Cristianismo na América Latina: uma história*. São Paulo: Vida Nova, 2010, p. 193.

⁸⁵ REILY, 2003.

⁸⁶ MENDONÇA, 2008, p. 42.

número de brasileiros que poderiam, por uma ou por outra denominação, dizer-se evangélicos”⁸⁷. A história é contada hoje, e a realidade evidencia o quanto tal trabalho foi importante. Como bem pontua Hahn, “foi um tempo de sementeira.”⁸⁸

Ressalta-se também a importância das Escrituras Sagradas e do trabalho das Sociedades Bíblicas no país. A Bíblia chegou muito antes de qualquer missão formalmente organizada. A Palavra de Deus foi semeada, e os missionários colheram os frutos quando passaram a andar pelo país para pregar o evangelho e implantar igrejas. Nessa perspectiva, destaca-se também a participação de leigos e obreiros nacionais que com o tempo foram surgindo como apoio aos missionários. Essa junção de forças fez com que a Bíblia fosse distribuída, o evangelho fosse pregado, dos grandes centros às mais longínquas áreas rurais, e o protestantismo de caráter missionário se estabelecesse definitivamente no Brasil.

Os primeiros protestantes, sejam eles estrangeiros ou nacionais, deixaram um grande legado histórico, social e teológico para as futuras gerações. Todas as igrejas oriundas desses grupos, ou que se identificam como protestantes e evangélicas, têm uma dívida de gratidão para com esses evangelizadores pioneiros no Brasil.

REFERÊNCIAS

CALVANI, Carlos Eduardo B. Anglicanismo no Brasil. *Revista USP*. São Paulo, n. 67, set./nov. 2005, p. 36-47.

CÉSAR, Elben Magalhães Lenz. *História da evangelização do Brasil: dos jesuítas aos neopentecostais*. Viçosa: Ultimato, 2000.

CRABTREE, A. R. *História dos batistas no Brasil até 1906*. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1962.

DREHER, Martin Norberto. Protestantes na América Meridional. In: SIEPIERSKI, Paulo Donizéti; GIL, Benedito. (Org.). *Religião no Brasil: enfoques, dinâmicas e abordagens*. São Paulo: Paulinas, 2003, p. 39-65.

FERREIRA, Jorge; SANTANA FILHO, Manoel Bernardino de. *Igrejas Evangélicas Congregacionais do Brasil: origens, histórias e desenvolvimento*. Rio de Janeiro: Gráfica, 2015.

FERREIRA, Julio Andrade. *A história da Igreja Presbiteriana do Brasil*. Vol. 1. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1992.

GERONE JUNIOR, Acyr. *Bíblia, Palavra de Deus na história*. Curitiba: AD Santos Editora, 2022.

GIRALDI, Luiz Antonio. *A Bíblia no Brasil Império: Como um livro proibido durante o Brasil colônia tornou-se umas das obras mais lidas nos tempos do Império*. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2012.

⁸⁷ LÉONARD, 2002, p. 95.

⁸⁸ HAHN, 2011, p. 24.

GIRALDI, Luiz Antonio. *Semeadores da Palavra*: personagens que tiveram participação decisiva na divulgação da Bíblia no Brasil. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2015.

GONZALEZ, Justo; ORLANDI, Carlos Cardozo. *História do movimento missionário*. São Paulo: Hagnos, 2008.

GONZÁLEZ, Ondina E; GONZÁLEZ, Justo L. *Cristianismo na América Latina*: uma história. São Paulo: Vida Nova, 2010

HAHN, Carl Joseph. *História do culto protestante no Brasil*. São Paulo: ASTE, 2011.

KICKÖFEL, Oswaldo. *Notas para uma História da Igreja Episcopal Anglicana do Brasil*. Porto Alegre: Projeto Memória/IEAB, 1995.

KIDDER, Daniel Parish; FLETCHER, James C. *O Brasil e os brasileiros*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1941.

LÉONARD, Émile. *O presbiterianismo brasileiro*. Brasília: Editora Monergismo, 2017.

LÉONARD, Émile. *O protestantismo brasileiro*. São Paulo: ASTE, 2002.

LIMA E SILVA, Gercymar Wellington. Raízes históricas do metodismo brasileiro: primeira incursão missionária no Brasil. *Revista Caminhando*. Vol. 11, n. 18, jul.–dez. 2006, p. 81-90.

MATOS, Alderi Souza de. Breve história do protestantismo no Brasil. *Vox Faifae: Revista de Teologia da Faculdade FASSEB*. Vol. 3, n. 1, 2011, p. 1-26.

MATOS, Alderi Souza de. *Os pioneiros*: presbiterianos do Brasil (1859-1900): missionários, pastores e leigos do século 19. São Paulo: Cultura Cristã, 2004.

MENDONÇA, Antonio Gouvêa. *O celeste porvir*: a inserção do Protestantismo no Brasil. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

MENDONÇA, Antonio Gouvêa. O protestantismo no Brasil e suas encruzilhadas. *Revista da USP*. São Paulo, n. 67, set./nov. 2005, p. 48-67.

PEREIRA, José dos Reis. *Breve história dos batistas*. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista – Rio de Janeiro, 1979.

PEREIRA, José dos Reis. *História dos Batistas no Brasil*. Rio de Janeiro: JUERP, 1982.

PORTO FILHO, Manoel da Silveira. *Robert Reid Kalley*: apóstolo em três continentes - o ministério pioneiro no Brasil. São Paulo: Editora Reflexão, 2020.

REILY, Duncan. *A história documental do protestantismo no Brasil*. São Paulo: ASTE, 2003.

REILY, Duncan. *Momentos decisivos do Metodismo*. São Bernardo do Campo: Imprensa Metodista, 1991.

RIBEIRO, Boanerges. *Protestantismo e cultura brasileira: aspectos culturais da implantação do protestantismo no Brasil*. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1981.

ROCHA, João Gomes. *Lembranças do passado: Dr. Robert Kalley*. 4º Volume. Rio de Janeiro: Novos Diálogos, 2017.

SALVADOR, José Gonçalves. *História do metodismo no Brasil: Dos primórdios à Proclamação da República - 1835 a 1890*. Volume I. Rio de Janeiro: Imprensa Metodista, 1982.

SIMONTON, Ashbel Green. *O Diário de Simonton: 1852-1866*. Tradução de D. R. de Moraes Barros. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2002.

SOUSA, Bertone de Oliveira. Historiografia do protestantismo no Brasil: percursos e perspectivas. *Revista Mosaico*. Vol. 5, n. 2, jul./dez. 2012, p. 171-179.

VIEIRA, David Gueiros. *O protestantismo, a maçonaria e a questão religiosa no Brasil*. Brasília: Universidade de Brasília, 1980